

RECORTE - REVISTA DE LINGUAGEM, CULTURA E DISCURSO

Ano 5 – Número 8 – Janeiro a Junho de 2008

[início](#)

ETNOTOPONÍMIA ACREANA: REFLEXOS DA CULTURA NORDESTINA EM NOMES DE SERINGAIS

Alexandre Melo de Sousa
UFAC

ABSTRACT – One of its basic principles of *Toponymy* is to analyse the relationship between human beings and the environment, in what concerns the designation of *topos*. This work presents an etnolinguistic study about the toponymy of Brazilian Eastern Amazon “seringais” in the state of Acre. The first results point to a quantitative superiority of toponymies, whose meanings reflect motivations of antropocultural nature.

A análise da cultura e do conjunto de valores de uma sociedade exige, precipuamente, um estudo centrado na língua – já que é através dela que são revelados os pensamentos e os costumes dos diferentes grupos humanos. A língua “traduz toda uma cultura, traduz todo um universo peculiar com suas implicações psicológicas e filosóficas que é preciso alcançar para enriquecimento da experiência” (BORBA, 1984, 07). Exemplo disso é o estudo dos designativos escolhidos pelos grupos sociais para nomear o espaço e os elementos físico-geográficos que os cercam. A disciplina que se ocupa do estudo de nomes próprios de lugares é a Toponímia.

Cabe à Toponímia estudar a procedência da significação dos nomes dos lugares, levando em consideração aspectos geo-históricos, socioeconômicos e antroponímicos que tenham influenciado sua escolha. Portanto, o campo de investigação toponímica não se limita ao aspecto lingüístico ou etimológico.

Desse modo, entendendo que o estudo toponímico de uma região exige, entre outras ações, o regate da motivação que há por trás da escolha dos designativos, no presente trabalho objetiva-se discutir alguns aspectos referentes à toponímia dos seringais e colocações acreanas, num enfoque etnolingüístico. Prioriza-se investigar os nomes que tiveram como fator de influência motivacional a realidade sócio-histórico-cultural do grupo humano que nomeou o espaço, embora não se deixe de pontuar, ainda que panoramicamente, os designativos motivados por fatores físicos. Pretende-se, num âmbito geral, verificar de que forma ocorre a inter-relação língua – homem – cultura no ato de nomear os referidos acidentes humanos.

1. O ACRE: ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS

Contar os episódios que formam a história acreana é contar a história do “descobrimento” da hevea brasilienses – a seringueira. Nenhum outro elemento pode simbolizar melhor a formação humana e territorial do Acre: foi a partir do produto extraído dessa árvore – o látex – que contingentes, cada vez maiores, de imigrantes foram ocupando a região, para o trabalho de extração e comércio do “ouro branco”, e, no contato com os povos indígenas (habitantes originários da região), formaram o homem acreano.

Inicialmente, a região foi ocupada por populações provenientes de localidades do Amazonas e Grão-Pará, e, posteriormente, de imigrantes nordestinos, o que gerou disputas sangrentas entre brasileiros e bolivianos pela posse do território – antes, cartograficamente, um apêndice do Amazonas, mas que, graças à vitória dos primeiros, passou a incorporar o Brasil.

O processo migratório para a região acreana tem maior impulso entre 1877 e 1879, quando houve a maior crise sócio-econômica na Região Nordeste (sobretudo no Ceará), decorrente da forte seca que a assolou. Essa crise, somada ao incentivo e financiamento pelo Estado do Amazonas, favoreceu a migração desses povos para a região. Lima (s/d, 24) registra que

a primeira expedição a chegar em terras acreanas foi a do cearense de Uruburetama, João Gabriel, com sua gente, no navio vapor Anajás, aportando nas barrancas do Acre (Aquiri), fundando os primeiros seringais e formando os primeiros núcleos populacionais.

Foi a partir do surgimento dos seringais que a estrutura social acreana foi sendo formada. De acordo com Lima (s/d, 24), a hierarquia social dividia-se da seguinte forma: a família do seringalista, que residia nos barracões, representava a classe social superior; os agregados (família do guarda-livros, do despachante do armazém), que residiam nas periferias, representavam a classe média; e os seringueiros, que residiam nas colocações, representavam a classe baixa.

Assim, seringueira, seringal, seringueiro e seringalista são elementos imprescindíveis na descrição sócio-histórico-cultural acreana: traduzem o principal motivador (seringueira) da formação espacial (seringal) e dos elementos humanos (seringueiro e seringalista) que favoreceram o surgimento do Estado do Acre.

Outros assuntos de grande importância relacionados com a História e a formação da região acreana poderiam ser discutidos aqui, no entanto, dado o enfoque central deste trabalho, preferimos destacar os expostos anteriormente.

Antes da chegada dos nordestinos, a região acreana já era habitada por várias nações indígenas, distribuídas em dois troncos lingüísticos: a) Pano (Nações: Kaxinawá, Yawanawá, Poyanawá, Jaminawá, Nukini, Arara, Shanenawá, Kutukina, Nawas); e, b) Aruak (Nações: Kulina, Ashaninka, Manchinery) (Cf. SOUZA, 2005, 25-26). Os índios pertencentes aos referidos troncos têm procedência peruana e chegaram ao Acre motivados pela intensa perseguição espanhola. Chegando à região, os índios do Tronco Pano passaram a dominar a região do Rio Juruá, e os do Tronco Aruak, a região do Rio Purus. O elemento indígena – ou caboclo amazônico, como prefere chamar Lima (s/d, 62-63) – constitui o primeiro ramo étnico formador do

homem acreano.

O segundo ramo étnico é constituído pelo homem nordestino que, como já foi bem assinalado anteriormente, fugindo da seca que castigava impiedosamente sua região de origem e visando a uma vida melhor, economicamente falando, abrigou-se em terras acreanas na função de seringueiro.

O povoamento da região acreana, desde a primeira fase migratória, resultou, inicialmente, do encontro do elemento indígena com o elemento nacional nordestino. Os nativos transmitiram aos imigrantes conhecimentos e habilidades imprescindíveis para a sobrevivência e o trabalho no meio florestal – que era absolutamente diverso de sua terra de origem.

O seringueiro, isto é, o grupo social representante da Amazônia, trouxe um conjunto de traços culturais dos lugares de onde emigrou e, em contato com o novo ambiente, sofreu um processo de aculturação, surgindo assim novos valores na indústria extrativa da borracha. (COELHO, 1982, 45)

A influência do nativo sobre o conquistador, segundo Rancy (1992, 51-53), está refletida: a) na alimentação: aproveitamento dos recursos naturais; b) na habitação: adequada utilização dos produtos florestais na confecção das barracas; c) nos meios de locomoção: abertura de caminhos na selva, ou mesmo na fabricação e utilização de pequenas embarcações; entre outros.

Enfim, para garantir sua sobrevivência naquele ambiente, o rude seringueiro assimilou muitos hábitos e valores dos nativos, além dos já citados. Acrescenta-se: a) o vocabulário utilizado para a identificação de espécies animais e vegetais, ou para os elementos geográficos que integram o ambiente onde viviam; b) as crenças e lendas existentes na região que, de algum modo, passaram a orientar a vida e o trabalho dos desbravadores da selva.

Já o terceiro ramo étnico, segundo Lima (s/d, 64-65), teve uma participação menor nesse processo de miscigenação. “Eram sírios, libaneses, turcos, judeus e outros comerciantes de tradição. Eles vinham para o Acre em busca do enriquecimento, através da comercialização da borracha e da castanha.”

As marcas do branco eurasiático, contudo, podem ser percebidas em certas características físicas do homem genuinamente acreano, bem como no processo civilizatório dessa população nortista. Boa parte desses estrangeiros integrava o sistema de exportação da borracha, outros atuavam como seringalistas, seringueiros, marreteiros – chegando até a possuir navios e grandes casas comerciais na região.

Há que se acrescentar, ainda, um quarto ramo étnico que participou da formação humana do Acre: os paulistas – denominação genérica atribuída, pela população, aos imigrantes provenientes da região centro-sul do Brasil, na década de 1970, que aportaram na região acreana com o propósito de estabelecer fazendas e desenvolver atividades pecuárias.

Esses quatro grupos étnicos constituem o caráter multicultural da população acreana, misto de tradições indígenas locais com as tradições dos migrantes nordestinos que povoaram a região, a partir do início do século XX, dos estrangeiros e dos migrantes de outras regiões do Brasil.

Os referidos grupos, ao se acreanizarem, foram, paulatinamente, perdendo uma parcela de sua identidade cultural original, mas, ao mesmo tempo, absorvendo costumes, comportamentos e crenças da cultura nativa, exigidos pelas próprias condições ambientais e sociais.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Os dados apresentados e analisados neste trabalho, selecionados do corpus do Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira, uma das pesquisas em operacionalização no CEDAC/UFAC (Centro de Estudos Dialetológicos da Universidade Federal do Acre), tiveram como fontes principais: a) folhas cartográficas do Estado do Acre (2006) e da Amazônia Legal, disponibilizadas pelo IBGE/AC; b) dados do Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre (2000a, 2000b), fornecidos pela Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SECTMA).

Para a catalogação e a análise dos dados foram seguidas as orientações de Dick (1992, 1996), que leva em consideração dois critérios analíticos: o aspecto taxionômico (que envolve as 27 classificações taxionômicas) e o aspecto lingüístico (que envolve o campo etno-dialetológico e o histórico cultural). As categorias taxionômicas são distribuídas em dois grandes grupos: a) Taxes de Natureza Física e b) Taxes de Natureza Antropo-Cultural, como mostra e exemplifica Sousa (2007):

2.1. Taxionomias de Natureza Física: definições e exemplificações

a) Astrotopônimos: topônimos relativos aos corpos celestes em geral. Ex. Estrela (RS); b) Cardinotopônimos: topônimos relativos às posições geográficas em geral. Ex. Nortelândia (MT); c) Cromotopônimos: topônimos relativos à escala cromática. Ex. Branquinha (AL); d) Dimensiotopônimos: topônimos relativos às dimensões dos acidentes geográficos. Serra Alta (SC); e) Fitotopônimos: topônimos relativos aos vegetais. Ex. Flores (PE); f) Geomorfotopônimos: topônimos relativos às formas topográficas. Ex. Morros (MA); g) Hidrotopônimos: topônimos relativos a acidentes hidrográficos em geral. Ex. Cachoeirinha (RS); h) Litotopônimos: topônimos relativos aos minerais e à constituição do solo. Ex. Areia (PB); i) Meteorotopônimos: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos. Ex. Chuvisca (RS); j) Morfotopônimos: topônimos relativos às formas geométricas. Ex. Volta Redonda (RJ); l) Zootopônimos: topônimos referentes aos animais. Ex. Cascavel (CE). (SOUSA, 2007, 54)

2.2. Taxionomias de Natureza Antropo-Cultural: definições e exemplificações

a) Animotopônimos (ou Nootopônimos): topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual. Ex. Vitória (ES); b) Antropotopônimos: topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex. Barbosa (SP); c) Axiotopônimos: topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes

próprios individuais. Ex. Coronel Ezequiel (RN); d) Corotopônimos: topônimos relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex. Seringal Quixadá (AC); e) Cronotopônimos: topônimos relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo(a), velho(a). Ex. Nova Aurora (GO); f) Ecotopônimos: topônimos relativos às habitações em geral. Ex. Chalé (MG); g) Ergotopônimos: topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex. Jangada (MT); h) Etnotopônimos: topônimos relativos aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex. Capixaba (AC); i) Dirrematopônimos: topônimos constituídos de frases ou enunciados lingüísticos. Ex. Passa e Fica (RN); j) Hierotopônimos: topônimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto. Ex. Capela (AL). Esse categoria subdivide-se em: i. Hagiotopônimos: nomes de santos ou santas do hagiológico católico romano. Ex. Santa Luzia (BA) ii. Mitotopônimos: entidades mitológicas. Ex. Exu (PE); l) Historiotopônimos: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico, a seus membros e às datas comemorativas. Ex. Plácido de Castro (AC); m) Hodotopônimos: topônimos relativos às vias de comunicação urbana ou rural. Ex. Ponte Alta (SC); n) Numerotopônimos: topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex. Dois vizinhos (PR); o) Poliotopônimos: topônimos relativos aos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex. Vila Nova do Mamoré (RO); p) Sociotopônimos: topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados humanos. Ex. Pracinha (SP); q) Somatotopônimos: topônimos relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal. Ex. Braço do Trombudo (SC). (SOUSA, 2007, 55)

3. ANÁLISE DE DADOS

Como o objetivo deste trabalho é mostrar reflexos da cultura nordestina na toponímia acreana, em especial nos designativos dos seringais, daremos enfoque aos topônimos incluídos nas taxionomias de Natureza Antropo-Cultural. Na referida categoria destacaram-se as seguintes taxes: Corotopônimos e Hierotopônimos.

3.1. Os corotopônimos

Os topônimos selecionados do corpus e incluídos entre os Corotopônimos deixam transparecer dois aspectos possíveis: o primeiro está relacionado à motivação sofrida pelo denominador (o seringueiro) no ato do batismo. Neste caso, transparece o sentimento de saudade da terra de origem (no caso dos topônimos destacados, as cidades localizadas no nordeste brasileiro) e, que, a partir dessa “homenagem”, possibilitam a ele manter um vínculo com sua

terra natal.

O segundo aspecto diz respeito ao processo de miscigenação étnica, que constitui a gênese da formação populacional acreana. Embora os topônimos apresentados a seguir sejam apenas os que fazem referência a cidades nordestinas, é válido esclarecer que outros topônimos foram encontrados no corpus referindo-se a cidades de outras regiões e até de outros países, como: Seringal Mato Grosso, Seringal São Paulo, Seringal Bolívia, Seringal Venezuela. São esses os topônimos que fazem referência a cidades nordestinas: Altamira, Redenção, Morada Nova, Apudi, Cajazeiras, Canindé, Fortaleza, Lavras, Pernambuco, Quixadá, Viçosa.

3.2 Os hierotopônimos

Nesses topônimos há reflexos, talvez, de uma das maiores características culturais nordestinas: o misticismo religioso. Dadas as condições de vida dos seringueiros acreanos, solitários, na maioria das vezes, num meio florestal, sujeitos aos perigos advindos da própria natureza ou às doenças típicas desses meios, como a malária; é justificável o sentimento de fé e crença religiosa nos seringueiros e em seus familiares. Eis os topônimos desse grupo: Santa Ana, São José, São Filismino, Santa Cruz, Santa Fé, Santa Júlia, Santa Maria, Santa Quitéria, Santo Antônio, São Bento, São João da Barra, São Domingos, São João, São Pedro, São Raimundo.

Vale apresentar alguns topônimos incluídos na categoria taxionômica Dirrematopônimos, mas que marcam a religiosidade dos seringueiros: Colocação Deus é Bom, Colocação Livre-nos-Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perfil cultural da sociedade acreana, num sentido amplo e generalizante, constitui uma mescla de valores, atitudes, costumes, crenças, conhecimentos etc., que foi sendo construída (e ainda está) desde os primeiros contatos dos imigrantes com os índios que já ocupavam a região. E, em seguida, com o branco eurasiático e com os “paulistas”. A cultura acreana, em síntese, foi formada através das trocas de saberes, de práticas e de comportamentos entre esses referidos grupos humanos, especialmente.

Na análise dos topônimos de Natureza Antropo-Cultural (Corotopônimos e Hierotopônimos), foi perceptível a valorização dos aspectos sócio-culturais no ato de nomear as colocações e os seringais acreanos. O valor atribuído aos referidos aspectos pode ser justificado pela própria história do grupo humano que formou a população do lugar (e que não difere da dos outros seringais acreanos): famílias que migraram para o local fugindo da seca (no caso dos nordestinos), na esperança de uma vida melhor, para si próprios e para os descendentes, deparando-se com uma realidade físico-geográfica absolutamente diversa daquela de onde migraram, e não só isso, decepcionados com a realidade econômico-social a que estavam sujeitos, chegando quase à escravidão. Para os seringueiros, portanto, os espaços onde moravam eram uma espécie de prolongamento da região de onde tinham saído.

Esse resultado confirma a tese sapiriana (1969) de que o ambiente (seja físico, seja social) reflete-se na língua. No caso do estudo aqui apresentado, o enunciador do topônimo, no ato do batismo dos acidentes analisados, condicionado por fatores físico-ambientais, transformou uma unidade da língua em um nome próprio, ou seja, de unidade virtual o signo adquiriu a estatuto de fato lingüístico, condicionado por fatores extralingüísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRE. Governo do Estado do Acre. *Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre. Zoneamento Ecológico-Econômico: recursos naturais e meio ambiente – Documento final*. v. 1. Rio Branco, SECTMA: 2000a.

ACRE. Governo do Estado do Acre. *Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre. Zoneamento Ecológico-Econômico: recursos naturais e meio ambiente – Documento final*. v. 2. Rio Branco, SECTMA: 2000b.

BORBA, F. da S. *Introdução aos estudos lingüísticos*. São Paulo: Cultrix, 1984.

CALIXTO, V. de O. et al. *Acre uma história em construção*. Rio Branco: Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos, da Cultura e do Desporto / Secretaria de Educação, 1985.

COELHO, E. M. *Acre: o ciclo da borracha (1903 – 1975)*. Niterói: 1982. Dissertação (Mestrado) – UFF, 1982.

DICK, M. V. de P. do A. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Gráfica da FFLCH/USP, 1992.

_____. Atlas toponímico: um estudo de caso. *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación de Linguística y Filología de la América Latina*. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996.

LIMA, M. F. *O Acre – seus aspectos físicos e geográficos, sócio-econômicos, históricos e seus problemas*. v.1. Rio Branco, s/d.

RANCY, C. M. D. *Raízes do Acre (1870 – 1912)*. Rio Branco: M. M. Paim, 1992.

SAPIR, E. Língua e ambiente. *Lingüística e ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SOUSA, A. M. de. *Desbravando a Amazônia ocidental brasileira: estudo toponímico de acidentes humanos e físicos acreanos*. Fortaleza, 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará.

SOUZA, C. A. A. de. *História do Acre: novos temas, nova abordagem*. Rio Branco: Carlos Alberto Alves de Souza Editor, 2005.

